



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Elvis da Silva Almeida

MODERNIDADE NO BRASIL: MUDANÇA DE TEMPO E TEMPO DE
MUDANÇAS

Pós-Graduação Lato Sensu
História, Sociedade e Cultura

SÃO PAULO

2020



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Elvis da Silva Almeida

MODERNIDADE NO BRASIL: MUDANÇA DE TEMPO E TEMPO DE
MUDANÇAS

Pós-Graduação Lato Sensu
História, Sociedade e Cultura

Monografia apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA em História, Sociedade e Cultura, sob orientação da Prof^a Dr^a Yvone Dias Avelino.

SÃO PAULO

2020

A Cristina Domingues

A Professora Yvone Dias Avelino

“E não há quem ponha um ponto final na história”

Conceição Evaristo

RESUMO

Este trabalho visa produzir um estudo relacionando História e Literatura Brasileira com aplicação metodológica para do Curso História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. No que tange ao conteúdo abordado pretendemos que este texto nos ofereça alguns elementos históricos, sociais e literários para leitura *Amar, Verbo Intransitivo* de Mário de Andrade. Ler tal obra de arte nos provocou esta pesquisa e nos permitiu refletir sobre as transições históricas, políticas, sociais, econômicas e literárias que se desenvolveram na passagem do século XIX para o XX tanto na Alemanha quanto no Brasil e o enredo deste clássico da Literatura Brasileira nos oferece vários estudos produzidos por Mário de Andrade em torno desse período de mudanças.

Palavras-chave: HISTÓRIA, LITERATURA, TRANSIÇÕES, MUDANÇAS, PASSAGEM.

Sumário

Introdução.....	8
1. Aspectos da vida de Mário de Andrade.....	9
2. Contexto, conjuntura, mudanças temporais e culturais.....	12
2.1 Europa: contexto alemão no início do século XX.....	14
3. Uma obra, várias conexões.....	16
Conclusão.....	23
Referências.....	25

Introdução

Este trabalho visa destacar alguns pontos históricos, literários e sociais a partir de uma leitura de *Amar, Verbo Intransitivo*. Para tanto organizamos um caminho que permita descrever essa leitura em dimensões diferentes que convergem para destacar os aspectos citados.

Trataremos, pois de destacar aspectos biográficos de Mário de Andrade, autor do texto no qual nos enredamos. Esses aspectos terão maior sentido quando também destacarmos outra dimensão do estudo: o contexto tanto brasileiro quanto alemão no início do século XX. Dialogando ainda com as dimensões anteriores trataremos de trechos da obra, situando-a no modernismo. Nela fizemos uma escolha entre todas as possibilidades que encontramos, pois poderíamos tratar da família Sousa Costa num todo ou dar enfoque na relação entre Elza e Carlos (personagens do enredo), evidenciando aspectos da relação entre os dois no romance ou talvez falar dos empregados da casa: Marina e Tanaka. Preferimos evidenciar elementos históricos que marcaram o momento desse clássico da literatura brasileira.

Esperamos oferecer um estudo conciso desses elementos, bem como favorecer o contato como ponte que une os elementos que se fragmentam no cotidiano do tempo e das experiências de um autor.

Vale ressaltar que organizamos como tema a *Modernidade no Brasil: mudança de tempo e tempo de mudanças*. Essa escolha temática ficará mais evidente nos desdobramentos do terceiro capítulo deste trabalho.

Ler Mário de Andrade é, sem dúvida, olhar por um caleidoscópio cultural do século XX no Brasil, mais especificamente de São Paulo no processo de sua ascensão ao cosmopolitismo.

1. Aspectos da vida de Mário de Andrade

Neste capítulo vamos destacar alguns aspectos da vida de Mário de Andrade com o interesse de relacionar aos próximos capítulos. Nesse sentido falaremos mais de sua relação com a vida intelectual e sua formação, bem como contatos e influências de seu pensamento.

Mário de Andrade nasceu no ano de 1893, em São Paulo. Foi estudante de música no Conservatório Musical de São Paulo e como um espírito inquieto deu início à sua carreira como crítico de arte, em jornais e revistas. Aos vinte anos de idade, adotando o pseudônimo de Mário Sobral, publicou seu primeiro livro, *Há uma gota de sangue em cada poema*, em que fez duras críticas à Primeira Guerra Mundial. A obra desagradou muitos críticos de orientação parnasiana devido as inovações que trazia.

O escritor teve uma grande importância no Modernismo brasileiro. Com uma mente brilhante, Mário de Andrade acrescentou substância teórica ao movimento em momentos decisivos: em 1922, pouco tempo depois da Semana de Arte Moderna, publicou seu *Prefácio interessantíssimo*, um texto teórico que abriu a possibilidade de poemas modernistas como *Paulicéia desvairada*. No ano de 1925, o escritor lançou o ensaio *A escrava que não é Isaura*, no qual desenvolveu novamente algumas considerações sobre a estética modernista.

Entre 1924 e 1927, Mário realizou uma pesquisa sobre a cultura brasileira, cujos resultados foram decisivos para produção de obras valiosas em sua carreira, como *Amar, verbo intransitivo* (texto que inspirou nosso estudo) e *Macunaíma* outro clássico que narra a cultura e identidade brasileira.

Mário de Andrade, na prosa, escreveu contos, com os livros *Primeiro Andar* (1926) e *Contos novos* (1946), *crônicas*, com os livros *Os filhos de Candinha* (1945), e romances, como *Amar, verbo intransitivo* (1927).

Mário era autodidata, o único escritor da primeira geração modernista que não passou pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, foi a maior figura literária desse momento de transição de nossa história intelectual. Ele era um mosaico no que se refere à cultura nacional: poeta, ensaísta, jornalista, cronista, crítico e historiador de música e artes plásticas, contista, folclorista, pesquisador de campo, estudioso de assuntos brasileiros, administrador e consultor de política cultural, estudioso de patrimônio histórico, colecionador de arte popular e erudita. Quantas habilidades para uma só pessoa!

É nesse sentido que abordamos sua biografia, pois no romance *Amar, verbo intransitivo* há várias referências que não são citadas e consideramos que o leitor deve ter um conhecimento prévio ao texto para poder relacionar períodos do texto.

Falando ainda sobre nosso autor, ele foi o segundo filho homem de um modesto burocrata (Carlos Augusto de Andrade). Herdeiro dos traços carregados de mestiço pelas duas avós mestiças, a fisionomia de Mário chamava a atenção no círculo familiar se comparada aos irmãos branqueados.

Teve um primeiro irmão chamado Carlos que se dedicou à carreira política. Destacamos esses pontos biográficos para relacionar com seu romance, pois uma das personagens principais se chama Carlos. Ele teve contato também com Carlos Drummond de Andrade com quem se correspondeu por um período de sua vida. A Escolha do nome então não é aleatória, partindo desses pressupostos.

Mário estudou Contabilidade e diplomou-se no Conservatório Dramático e Musical. Esse percurso, longe das profissões liberais, desdobrou num belo projeto a que fez frente na condição de autodidata que lhe possibilitou aprofundar vários estudos no campo cultural. No intuito de compensar a falta de patrimônio, de títulos prestigiosos ele investiu seus esforços nos conhecimentos da literatura às belas-artes e à música, da etnografia ao folclore e à História. Se consolidou como intelectual polivalente que se destacava por completo dos companheiros de geração.

Sua trajetória foi se viabilizando em meios às transformações sociais, políticas, econômicas e culturais dadas por um surto de renovação cultural em São Paulo, nas décadas de 20 e 30.

O reconhecimento e atuação de Mário como liderança de estatura nacional pode ser percebida pela correspondência mantida com escritores e artistas brasileiros. Entre seus destinatários do círculo modernista em alguns estados do Brasil, temos: Carlos Drummond de Andrade (MG); Manuel Bandeira (RJ); poetas contemporâneos – Ribeiro Couto, Murilo Mendes, Henrique Lisboa; artistas de espírito renovador – Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Cândido Portinari, Heitor Villa-Lobos; editores de revistas literárias – Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto (Estética), Murilo Miranda (Revista Acadêmica); dirigentes de política cultural oficial – Augusto Meyer, Rodrigo Melo Franco de Andrade; críticos de música e folcloristas – Luiz Heitor Correa de Azevedo, Renato Almeida, Luis da Câmara Cascudo; sem falar nos parentes e muitos outros intelectuais. Envolvido nesse ambiente não tinha como ser diferente. Ele chega a dizer no texto de *Amar, verbo intransitivo*:

[...]Volto a afirmar que o meu livro tem 50 leitores. Comigo 51. Ninguém duvide: esse um que lê com mais compreensão e entusiasmo um escrito é autor dele.

Ter como público leitor os nomes citados acima e ser reconhecido não é tarefa fácil e é nesse sentido que destacamos outro dado de sua biografia: ele procurava ler e reler, fazer críticas, reformular seus textos. Isso o qualificava!

Outro elemento importante de sua formação era de que suas especulações artísticas se adensavam com o estudo da literatura e da cultura brasileiras e com o conhecimento que foi adquirindo das diferentes diretrizes da vanguarda europeia, aprendendo a filtrar e criticar: cubismo, futurismo, expressionismo, dadaísmo. Era necessário se atualizar para amadurecer e se lançar em voo próprio. Ao entrar em contato com o expressionismo se interessa em desdobrar os estudos sobre a língua alemã, embrenhando-se um pouco mais nessa cultura onde encontra elementos que inspiraram a personagem Elza de *Amar, verbo intransitivo*.

Falando ainda em cultura alemã e estudos marioandrinos, destacamos que na década de 1920 ele mergulhou nos estudos da língua alemã, fazendo citações em seus textos, procurou se informar mais sobre as artes, filosofia, literatura e para melhor decifrar a obra de Freud, de que foi um leitor atento.

Esperamos que esse arrazoado biográfico nos ajude no diálogo com esse autor de muitas experiências e correntes como vimos. Nosso desejo de ir além dele é tão grande que vamos dedicar um trecho de nosso estudo ao contexto. Como queremos historiar esse trabalho, cabe o próximo capítulo acerca das conjunturas que confluíram na visão, nas vivências e na escrita de seu romance.

Partamos ao próximo trecho!

2. Contexto, conjuntura, mudanças temporais e culturais

Antes de falar de contexto queremos justificar tais motivos na compreensão desta obra literária: num primeiro momento dizer que no entorno de uma narrativa particular existe um fundo histórico e político que podemos evidenciar, pois a escrita da história, como aprendemos neste curso de pós-graduação, também se faz de memória e esquecimento. Memória e esquecimento são seletivos como vimos. Queremos rememorar alguns fatos deste período entre a Proclamação da República no Brasil (1889) até a publicação de *Amar, verbo Intransitivo* (1927), bem como destacar acontecimentos que envolveram a Alemanha na Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), a revolução alemã (1918 -1923) e os processos imigratórios resultantes desse acontecimento. Fizemos esse recorte temporal porque o texto de Mário de Andrade foi escrito entre 1923 e 1927, como dissemos na biografia ele era seu próprio leitor atento e reescrevia ou ampliava seu foco de análise.

Num segundo motivo, destacar que a história depende da posição social e institucional de quem a escreve e o modo como a escreve, não ficaria bem ocultar o contexto em que essas reflexões e referências dos diálogos entre as personagens foram elaboradas.

Ainda nos motivos, destacamos que os fatos e as explicações nunca são dados ao historiador, isolados, separados, como se tratasse de fatos.

Com essas motivações trataremos de historicizar pontos apresentados nessa trama marioandradina. Pretendemos dar enfoque na riqueza do texto que contempla um realismo crítico e que a obra nos traz elementos históricos numa trama bem escrita. Essa realidade complexa e dinâmica precisa ser observada.

Vamos a esses aspectos do Brasil dos anos 20 e o modernismo como movimento artístico e social.

De acordo com Nogueira, Vianna e Caldeira (2010, p.238), a transição do século XIX para o XX se deu diante de muitas invenções nos campos da ciência, tecnologia, filosofia e psicologia. Surgiram também novos debates e ideias sobre sociedade, política e economia na cultura ocidental. Esses pontos de transformações revelam uma atmosfera de rupturas.

No Brasil isso teve muitos reflexos. A sociedade na época em que *Amar, verbo intransitivo* foi escrito, estava muito além do aspecto rural dos anos anteriores. A população das cidades havia aumentado. A indústria e o comércio progrediram, junto

com estes o sistema bancário, os meios de transporte e comunicação. Vemos num trecho do livro, por exemplo, Mário citar o automóvel, o bonde e o trem.

Como podemos verificar num trecho a seguir:

[...] Em Higienópolis os bondes passam com bulha quase grave soberbosa, macaqueando o bem estar dos autos particulares.

Havia surgido uma burguesia industrial em São Paulo e no Rio de Janeiro formando a classe dos novos ricos, embora os cafeicultores e pecuaristas fossem ainda a classe que dominava politicamente. Nesse contexto complexo surgiram também as novas classes sociais que exigiam soluções imediatas: o imigrante europeu (fugindo das crises e guerras), o negro recém liberto (movimento abolicionista final do XIX) e o proletariado (classe trabalhadora das fábricas e comércios).

Havia uma tensão entre as classes sociais que produziu um panorama bastante agitado com greves e manifestações de rua. O país vivia um processo de ebulição e o desejo de mudanças se estampava no cotidiano. Nesse contexto surgem intelectuais que agitaram os espaços. Tais grupos se evidenciaram em formações políticas com partidos e grupos organizados como o Movimento Tenentista e a Coluna Prestes. Era anunciada a mudança daquela República Velha.

No que se refere às artes, tivemos a Semana de Arte Moderna de 1922 e os jovens paulistanos que desejavam ter autonomia da arte brasileira, ainda inspirados pela vanguarda europeia, criticando o conservadorismo e o academicismo brasileiro. Essa Semana acabou projetando Mario de Andrade como figura importante desse processo modernista.

Segundo Lopez (2004, p. 30-31), no escopo de difundir, faz sim apologia, mas à moda modernista, pois acumula os acertos da renovação; na tarefa de narrar o progresso da cidade, aceita dados do futurismo, sem adotar tal figurino. Esfuziante de certeza, paga o preço da transição que está vivendo: modernidade alardeada, irreverência, frases telegráficas, frases sem verbos abertas nas reticências, a descoberta da fala brasileira cosida à da permanência da linguagem do passado – português castiço, períodos longos, altissonantes, ordem inversa, palavras raras. Transição que implica nesse instante, a difícil percepção do que, de fato, ultrapassava ingênuas projeções e a ausência de recursos para flagrar as próprias contradições.

2.1. Europa: contexto alemão no início do século XX

O que nos provoca falar de acontecimentos históricos da Alemanha é o fato de termos no nosso romance *Elza*, umas das personagens principais da trama. Ela é alemã e veio para o Brasil na condição de imigrante. Falaremos da obra no próximo capítulo, neste momento nos move falar dos contextos. Colocaremos em destaque o processo de revolução alemã (1918 -1923) que se desenvolveu tornando-se a conhecida República de Weimar (1918 -1933), bem como nesse período sua participação na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Fizemos questão de mostrar os anos para que entendamos a relação desse movimento com as imigrações europeias no Brasil, bem como relacionar com texto literário aqui estudado e especificar no texto a personagem *Elza*.

Na Cronologia temos a Primeira Guerra Mundial como primeiro elemento de ruptura. Não daremos conta no momento de falar sobre as causas da guerra ou a mudança no modelo econômico da Europa em diversos países. Cabe destacar as mudanças e, com isso, os movimentos humanos em resposta a esses processos. Para Hobsbawm (2015 p. 51), temos como certo que a guerra moderna envolveu todos os cidadãos e mobilizou a maioria; foi travada com armamentos que exigiam um desvio de toda a economia para a sua produção, e foram usados em quantidades inimagináveis; produziu indizível destruição, dominou e transformou a vida dos países envolvidos. As guerras a partir de 1914 em diante, foram guerras de massa.

Segundo Andrade (2016 p. 21), estávamos no primeiro decênio deste século que deu no vinte. Todos os abraçados perdiam terreno... Mesmo antes de 14 a existência arrastava difícil lá, *Fräulein* se adaptou. Veio pro Brasil, Rio de Janeiro.

Emigrar foi a solução ideal encontrada, uma vez que esse panorama geral se harmonizava perfeitamente com as necessidades dos novos países – Estados Unidos, Argentina e Brasil - que por motivos iniciaram um grande movimento de atração de imigrantes para suas terras.

Esse movimento que envolveu as sociedades num todo gerou a evasão de muitas pessoas de seus países.

Ainda nessa cronologia temos também as crises internas que se deram nesse processo e a Alemanha viveu essa experiência social. Segundo Loureiro (2005 p. 27), a Alemanha do *Kaiserreich*, desde sua criação (1871) até a Primeira Guerra Mundial (1914), enfrentava todos os problemas de uma sociedade industrial-capitalista pouco

desenvolvida, e tentava resolvê-los nos limites das estruturas de poder herdadas do passado, de tal maneira que os privilégios das antigas elites não eram questionados. Na verdade, os grupos dirigentes queriam a industrialização sem as inovações políticas correspondentes: a Alemanha do Segundo Império era um Estado moderno industrializado numa velha casca política autoritária e feudal. Parece até com um cenário conhecido por nós brasileiros. Foi nesse processo de mudanças e permanências que surgiram as convulsões sociais na Alemanha entre 1918 e 1923. Estudiosos desse período afirmam que não foi um processo homogêneo, dado o número de partidos e bandeiras envolvidas e que envolveu toda a sociedade alemã.

Considerando os aspectos próprios de cada país e seus acontecimentos, podemos nos perguntar: é possível analisar essas duas experiências e pensar essas sociedades?

A resposta é sim. Não é possível fazer comparações, senão cairíamos no juízo de valores, qualificando ou descredibilizando cada história de um povo, entretanto se consideramos que muitos alemães vieram par o Brasil e que, no caso, Mário de Andrade quis abordar esse fenômeno estudando esse movimento e, conseqüentemente, narrando uma personagem alemã como protagonista de seu enredo, nos cabe agora tratarmos dos eventos desdobrados na nossa obra literária aqui estudada.

Então, partamos para a análise de elementos da obra.

3. Uma obra, várias conexões

Neste capítulo nosso interesse está em analisar acontecimentos narrados na obra que se conectam com a biografia do autor e o contexto de produção de *Amar, verbo intransitivo*. Para tanto falaremos das personagens Elza e Carlos, pois suas identidades culturais trazem elementos do Brasil e da Alemanha e é disso que vamos tratar por aqui.

Traremos citações do texto, bem como elementos que foram incorporados às personagens na construção deste romance. Para facilitar a leitura e situar o texto de onde retiramos as citações, colocaremos o número de página da citação feita pela obra que é da Editora Via Leitura, 1ª edição de 2016, São Paulo.

Antes de falarmos de trechos do livro e suas preocupações, vale salientar que Mário de Andrade é um modernista brasileiro, representa um movimento e um momento da história e cultura nacionais.

Nesse sentido, é importante falar desse processo que foi manifestado pela arte, provocando rupturas e indagações sociais e políticas, o movimento modernista foi prenunciador, o preparador e, também o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo pela economia, política, a rapidez dos transportes, os progressos internos da técnica e da educação, impunham o desenvolvimento de um espírito novo e o remodelar do olhar sobre nós mesmos como povo e identidade nacional. O Brasil precisava se encontrar consigo mesmo.

A Semana de Arte Moderna marcou o Centenário de Independência do Brasil, mas o que isso significava?

Tomar contato com a obra de Mário de Andrade permite-nos compreender melhor a concepção dos modernistas, frente ao espírito de conservação e mudança que já contagiava uma considerável parcela de nossos letrados, situados na primeira metade do século XX.

Sua obra artística figura como referência de base para compreender um período da nossa cultura, história e elementos de nossa identidade. É o que poderemos verificar na análise de trechos de uma das suas obras.

Neste Brasil de início do século XX, afetado pela imigração e industrialização, observamos a influência da paisagem paulistana, da casa, dos jardins, dos modos ou da falta de modos de uma família de classe média de Higienópolis.

Com esta obra podemos dizer que Mário de Andrade é um analista e problematizador da brasilidade. Ele enfatizava o jeito de ser do brasileiro e exaltava

as virtudes e os defeitos existentes nos seus compatriotas e na própria sociedade burguesa de sua época.

Falando agora da obra e de suas ironias, o título nos provoca inúmeras interrogações e exclamações, mas ele alerta em um dos trechos:

... É preciso exclamar para que a realidade não canse...p 14

Uma das questões está no verbo **amar** que na nossa língua é transitivo direto e não intransitivo, pois quem ama, ama alguém. Isso pode ser explicado, pois no caso de Fräulein, o amor era programado, era um jogo que não permitiria a transitividade, uma vez que ela fora contratada por Sousa Costa para um serviço específico com seu filho Carlos.

A outra provocação está no termo idílio, onde nesse gênero evoca-se a reciprocidade de um amor puro. Neste caso idílio tomou um sentido figurado como devaneio, fantasia e para onde se apontava uma realidade ideal.

A obra *Amar, verbo intransitivo* foi escrita por Mario Raul Moraes de Andrade por volta de 1923 até 1926, e publicada em 1927. A obra pertence ao primeiro período do modernismo brasileiro.

Sobre o livro e sua edição, podemos considerar uma obra com mais de 70 anos e que caiu em domínio público, significando que muitas editoras a publicaram, trataremos de apenas uma, mas sabemos que o próprio autor a reformulou em alguns momentos de sua vida. Já dissemos que ele foi publicado pela primeira vez em 1927, mas devemos ter em mente que, em carta a Manuel Bandeira de 29 de setembro de 1924, conforme Moraes (2000 p. 130), Mário estava reescrevendo pela terceira vez o texto que pretendia publicar. E mesmo assim, o já experiente autor, o repensou para a publicação de 1944. Este romance significou muito tempo de amadurecimento intelectual, pesquisa e reescritura do autor.

Vale destacar que é um texto de leitura difícil, truncado pelos constantes diálogos com outros autores, pouco conhecidos, em alguns casos. Esse texto também apresenta a utilização de outras linguagens. Nele é comum o uso de termos das artes plásticas, de ideias musicais, de referências científicas, filosóficas, políticas, de espaços geográficos, bem como de neologismos. O que exigiu outras leituras e formação de léxicos e um leitor com conhecimentos prévios, para além dos conhecimentos literários, visando decifrar a complexidade e as dimensões que o romance nos trouxe.

Neste trecho abaixo, por exemplo, Mário de Andrade faz referência a um autor francês do século XVIII.

Ahn... la me esquecendo de avisar que este idílio é imitado do francês de Bernardin de Saint-Pierre. Do francês. p. 56

Ao analisar o texto e os diversos contextos em que ele foi criado, podemos perceber uma análise de elementos da cultura europeia, sendo verificada na personagem Elza (Fräulein): mulher de 35 anos, alemã que vem para o Brasil trabalhar na casa de Souza Costa, com a função de mostrar a Carlos (Filho mais velho de Sousa Costa) o amor, fazê-lo gostar de mulher e torná-lo homem responsável. Apesar desta ser a função de Fräulein, ela era tida pela família como governanta da casa, pois no início, somente Sousa Costa sabia da real condição dela, por tê-la empregado.

Sua análise sobre os alemães fica mais evidente quando ele trata das duas humanidades do povo alemão: o alemão propriamente dito, homem-do-sonho (ser reflexivo, metafísico, idealista); e o homem-da-vida (ser real, adaptável às circunstâncias). Ele coloca Fräulein como homem-do-sonho e faz referências a ela como uma mulher que pensa em se casar, ter filhos, e cuidar da casa enquanto o homem, seu marido, vai trabalhar.

Ele ainda cita uma figura pública da Alemanha na era de Weimar: Walter de Rathenau e o chama de homem-do-sonho.

O segundo ponto é muito visível que o autor quer mostrar a forma de pensar da burguesia paulista. No caso coloca o pai Sousa Costa como exemplo, dessa análise e como se mantém o patriarcado e os determinismos sociais na figura do filho.

Dois trechos do romance nos situam essa caracterização feita pelo autor:

Quanto à tona da vida, já se conhece bem a fotografia: A mãe está sentada com a família menorzinha no colo. O pai de pé descansa protetoramente no ombro dela a mão honrada. Em torno se arranjam os barrigudinhos. A disposição pode variar, mas o conceito continua o mesmo. p.12

Sousa Costa é um excelente pai de família. *Pater familias*. p. 79

O que salta à percepção é que neste Brasil do início do século XX, afetado pela imigração e pela industrialização, o par amoroso se compõe, em conflito com a ideia de um idílio, conforme se sugere no título do livro: uma mulher mais velha, imigrante alemã e um rapaz brasileiro muito jovem, cujas diferenças econômicas e sociais vão evidenciar o peso ético da época, pois os dois personagens representam diferentes

culturas concebidas em contextos diferentes que opõe moral burguesa brasileira em formação (representada pela juventude de Carlos) e alemã com todo peso histórico, cultural e social europeu (representado por Elza).

Para nós, considerando o contexto da época, Mário de Andrade quer discutir o caráter brasileiro neste livro. Na relação com o outro, Elza no caso, temos um parâmetro de análise sobre nós mesmos.

Alguns tópicos da edição lida por nós para este estudo:

Elza consolava a pecurrucha, com meiguice emprestada. Não sabia ter meiguice. Mais questão de temperamento que de raça, não me venham dizer que os alemães são ríspidos. Tolice! Conheci. p.11

Nesse contexto de busca de identidades nacionais, devemos considerar que Mário de Andrade estava atento ao que se escrevia, encontramos um trecho cujo adjetivo se assemelha àquele pronunciado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, ao afirmar que

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

Como dissemos anteriormente, nosso autor procurou por meio de Carlos, falar adjetivos acerca dos brasileiros. Eis o trecho em que adjetiva Carlos a partir do olhar europeu de Fräulein:

Ela percebeu que o menino era um forte. Machucador apenas. p.11

Quando citamos elementos biográficos, falamos da aproximação de Mário com os estudos culturais alemães, especialmente o expressionismo. Gostaríamos de dar mais luz nessa ideia, pois o expressionismo denuncia o mal-estar de uma civilização que através da moral religiosa e dos imperativos de extrema divisão e racionalização do trabalho, reprime os desejos sexuais do ser humano. O romance mostra isso ao trazer, nos traços de Fräulein uma imigrante que sonhava com uma vida pequeno burguesa, porém se viu lançada num mercado de trabalho hostil e desumano.

“Fräulein” era pras pequenas (Maria Luísa, 12; Laurita, 7 e Aldinha, 5) a definição daquela moça... antipática?... Não. Nem antipática, nem simpática: elemento. Mecanismo novo da casa. Mal imaginam que será o ponteiro do relógio familiar. p 12

Gostaríamos, nesse momento, de relacionar fragmentos da obra com acontecimentos narrados na história, amparados pela visão do nosso autor. Ele demonstra, nesse romance, elementos de reflexão histórica, em geral, e

especificamente com a Primeira Guerra Mundial. Nosso esforço de estudo sobre a obra está em chamar a atenção para o que Mário de Andrade trás em *Amar, verbo intransitivo*: mostrar que o pensamento eurocêntrico representado por Fräulein, levou o mundo a uma crise civilizatória.

O texto desenvolve uma narrativa com elementos históricos, não só da situação política e social alemã, antes e durante a República de Weimar, mas os desdobramentos que confluíram para a guerra.

Ele fez questão de abordar a sonoridade da guerra: “Pum! Taratá! Clarins gritando, baionetas cintilando, desvairado matar, hecatombes, trincheiras, pestes...”

Falamos sobre Alemanha e elementos de Fräulein, cabe-nos falar também de Carlos, nosso personagem que representa característica do Brasil ou do brasileiro.

Há um período do texto em que se descreve Carlos e há algumas comparações que nos chamam a atenção. Exigiu algum esforço para compreender tais metáforas. Esperamos refletir sobre esses elementos. Observemos como o narrador o caracteriza:

Repare nesse menino que passa. É grandalhão, é. Mesmo pesado. Muitos afirmam que ele é magro... A culpa não é tanto das carnes, que são rijas e abundantes. Come bem. Dorme bem. Passa vida regalada. E é escandalosamente sadio, nem sequer a faringite crônica de oitocentos mil paulistanos.

Mas então porque é magro? Já falei que não é magro, desraçado, apenas isso. O que sucede com as raças muito apuradas? A carne é bem cotada no Mercado, por ser muito mais macia. Pra conservar tais excelências a Inglaterra proíbe a intromissão de boi zebu nas marombas dela. Toda gente sabe que o gado abatido lá na grande Argentina, que do polled-angus albion sempre abunda, atinge tipo elevado na cotação dos importadores europeus.

Ora, no Brasil entrou o boi zebu. Entra o dunham também, e já pasta o curraleiro e principalmente o caracu. Porém inda não se apurou coisa que valha. Será falta de carne nestes membros possantes? Nem tanto, os ossos é que ainda não diminuíram. Delírios da seleção! Fundam o Herd-book Caracu. [...]

A partir deste trecho podemos fazer algumas inferências sobre Brasil. No desenrolar dos parágrafos, ele começa falando do rapaz e usa o termo “desraçado”, na sequência desdobra falando de bois. De maneira irônica ele está falando de teorias raciais, e isso desembocou em análises eurocêntricas.

A descrição de Carlos se faz por meio de bois, mas a discussão sobre raças está no cerne de debate do autor. O ser humano tem raças mais ou menos cotadas no Mercado.

Vale aqui citar o trecho de uma música de Elza Soares que nos remete a essa mesma discussão:

“A carne mais barata no Mercado é a carne negra...”

Voltando para a análise do trecho podemos destacar também que essa relação bois e humanos visa valorizar um tipo de brasileiro, tratar dos diferentes tipos de raças e buscar uma reflexão antropológica para explicar os seres humanos.

Esse tipo de referências ele trata em alguns momentos do romance:

O desembaraço era premeditado não tem dúvida, mas lhe saía natural e discreto. Isto se descontaria dentre as facilidades das raças superiores... p. 11

[...]Reimer lhe passou pelas mãos : afirmava a inferioridade dos latinos. p 24

Sousa Costa usava bigodes onde a brilhantina indiscreta suava negros nítidos... p. 14

Em tempos de calorão surgiam nos cabelos negros de dona Laura umas ondulações suspeitas. p. 14

Nossa hipótese se confirma quando ele cita os cientistas ligados às questões genéticas e raciais, conforme podemos verificar:

Desde Gley, Chevalier e Fliess se desconfia que de primeiro os seres humanos foram hermafroditas. Antes desses senhores, Darwin estivera escrevendo coisas... p. 43

Pouco depois de a *Origem das Espécies*, nasceu na Alemanha uma criancinha. p. 43

... Os alemães principiaram lhe chamando Herr Professor Freud. p. 43

Mas Gobineau é homem, *Homo europeus*, e sempre constatei que os homens são muito mais fortes que os deuses. Gobineau vencerá para maior gozo dos alemães. p. 66

Ainda sobre essa ideia, podemos afirmar que o Brasil inicia o século XX marcado pelo cientificismo tardio. Isso se verifica pelo positivismo, que influenciou a campanha republicana, com essa mesma perspectiva eugenista, conforme a visão dos evolucionistas europeus do século XIX. A escolha do autor por Higienópolis (cidade da higiene), confirma essa mentalidade da burguesia paulista.

Num período de transições surgem os movimentos de crítica e busca de alternativas para pensar o Brasil, não em relação à Europa, como vemos no romance Carlos-Elza. Se considerarmos o pensamento da classe média paulista narrado no romance, percebemos claramente os ideais da elite paulista e como se miravam nos valores da burguesia europeia, mas isso não representava a mentalidade total da sociedade brasileira e é nesse sentido que o movimento modernista se fez presente. Neste contexto de muitas mudanças, os intelectuais, como Mário de Andrade, perceberam a ausência de uma reflexão crítica acerca desse processo. Não é simples compreender mudanças em seu curso de acontecimentos, menos ainda intervir sobre elas. Ao ler sobre as vanguardas modernistas no Brasil vemos a importância da contribuição dada por esse grupo.

Se voltássemos 100 anos na história do Brasil, no início do século XX, qual seria nossa posição frente àqueles processos de mudanças sociais: fundação da República, processo de industrialização, urbanização, expansão dos centros comerciais, formação de classes sociais?

Como nos posicionaríamos frente ao texto e às contribuições de Mário de Andrade?

Qual seria nossa leitura daquela sociedade?

Essas questões nos remetem à ideia de que vale a pena revisitar elementos desse momento da história nacional para reorientar nosso olhar no presente.

Enfim, questões como essas podem nos ajudar ou não, a compreender as vanguardas intelectuais naquele período. Estudar uma obra literária permite não apenas fruir esteticamente uma arte, mas tomá-la como um discurso produzido num tempo e lugar, portanto uma narrativa histórica e é nesse sentido que falamos deste capítulo ao enfatizar trechos do texto.

Esperamos ter feito esse processo, ainda que de forma simples, sem buscar muitas referências, mas fiéis ao texto e sua reflexão.

Conclusão

Cabe-nos ressaltar de antemão que essa experiência nos adicionou a possibilidade de olhar a história na perspectiva da narrativa literária. Isso já é bastante complexo porque a história como ciência, tendo objeto e método e a literatura como arte e linguagem própria, não cabe somente nas especificações da lógica científica. Entretanto, nos arriscamos a esse desafio e, com isso, oferecemos uma reflexão como método de análise de uma obra literária.

Outro pronto foi decifrar elementos linguísticos de um autor que estava a contestar inclusive as regras gramaticais e a fundar neologismos. Foi também um exercício de tradução.

Feitas as ressalvas iniciais, consideramos que este exercício favoreceu a leitura de teses acerca de Mário de Andrade que por si só, nos aproximou mais ainda da obra e nos encheu de orgulho pela escolha desse clássico da literatura.

No processo de leitura do clássico, reflexão sobre a leitura, pesquisa e problematização, percebemos muito daquilo que nos propunha o autor na sua narrativa, pois em alguns trechos ele se fazia presente e nos indagava como leitores, exigindo de nós uma ação diante desse enredo. Essa ação se fez na elaboração dos textos e nos momentos de conexão de ideias, inclusive nos colocando diante de nós mesmos como cidadãos de um determinado período histórico-cultural do Brasil.

Se estivéssemos naquele período, com tal enredo, não seríamos neutros porque sempre fazemos escolhas, inclusive de nos calar diante dos acontecimentos ao nosso redor.

Ainda hoje percebemos a permanência desses costumes frente a uma sociedade desigual e desumanizada como a brasileira. Quase 100 anos se passaram, mas as permanências se mostram no cotidiano de uma cidade como São Paulo que se refugia em condomínios, bem como insiste em seus privilégios. Não queremos cair em anacronismos, mas não esqueçamos que somos a 8ª Economia Mundial e 79º Índice de Desenvolvimento Humano, conforme dados do Banco Mundial e do Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento em 2018.

Estudar história e mentalidade tem justamente essa função: analisar mudanças e permanências e elas são produto da ação humana num tempo e lugar.

Sendo o ser humano um ser social, construído historicamente, é possível a partir desse romance perceber que uma época se faz pelas suas linguagens e formas de produzir relações e isso vale para ontem e hoje.

Por outro lado, não nos cabe dizer se o meio determina o sujeito ou vice-versa porque nem tudo está sob nosso total domínio. Mário de Andrade, ao nos apresentar faces da natureza humana, também nos indaga acerca da nossa própria natureza e ação no mundo.

Enfim, ainda pegando carona em seu texto, encerramos o nosso com um trecho de *Amar, verbo intransitivo*:

Minh'alma, como oceano,

Tem tufões, correntezas,

E muitas lindas pérolas

Jazem nas profundezas.

Referências

- ALENCASTRO, Luiz Felipe *História da vida privada no Brasil: Império (v.2)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- ANDRADE, Mário *Amar, verbo intransitivo: idílio*, São Paulo, Via Leitura, 2016.
 _____ *Aspectos da literatura brasileira*, Belo Horizonte, Itatiaia, 2002.
 _____ *De pauliceia desvairada a Lira paulistana*, São Paulo, Martin Claret, 2016.
- BOLLE, Willi *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*, São Paulo, Edusp, 1994.
- BOTELHO, André & SCHWARCZ, Lilia M. (Org.) *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009, pp. 160-173.
- BOSI, Alfredo *Entre a literatura e a história*, 2 ed., São Paulo, Editora 34, 2015.
- CARVALHO, Luciano Ribeiro *Entre a vida e o sonho: contribuições para uma análise crítica do romance Amar, verbo intransitivo*, Dissertação de Mestrado, São Paulo, FFLCH/USP, 2009.
- D'INCAO, Maria Ângela (org.) *Amor e família no Brasil*, São Paulo, Contexto, 1989.
- FONSECA, Maria Augusta *Por que ler Mário de Andrade*, São Paulo, Globo, 2013.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 -1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- LOPEZ, Telê Ancona *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade, 1920 -1921 (Organização, Introdução e Notas)*, São Paulo, Senac, 2004.
- LOUREIRO, Isabel *A revolução Alemã, 1918 -1923*, São Paulo, Unesp, 2005.
- LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Hebert S. *História econômica e social do estado de São Paulo, 1850 -1950*, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.
- MARTINS, Wilson *História da inteligência brasileira: volume 6: 1915 -1933*, 3 ed., Ponta Grossa, Editora UEPG, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*, São Paulo, EDUSC, 2007.

_____ *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*, São Paulo, EDUSC, 2002.

PROST, Antoine *Doze lições sobre a história*, 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

SEVCENKO, Nicolau *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, 2 ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

_____ *História da vida privada no Brasil: República (v.3)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg *Ensaio sobre teoria da história*, Rio de Janeiro, Contraponto, 2011.